

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

THIAGO NESTOR

**DO MAR À CIDADE: UMA VIAGEM PELO ESPAÇO PRESENTE NOS  
POEMAS DE ÁLVARO DE CAMPOS**

PORTO ALEGRE

2011

THIAGO NESTOR

**DO MAR À CIDADE: UMA VIAGEM PELO ESPAÇO PRESENTE NOS POEMAS  
DE ÁLVARO DE CAMPOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Licenciado em Letras pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

PORTO ALEGRE

2011

THIAGO NESTOR

**DO MAR À CIDADE: UMA VIAGEM PELO ESPAÇO PRESENTE NOS POEMAS  
DE ÁLVARO DE CAMPOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
a obtenção do título de Licenciado em  
Letras pela Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul.

Aprovada em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ms. Anna Faedrich Martins

---

Prof. Gustavo Henrique Rückert

PORTO ALEGRE

2011

## AGRADECIMENTOS

Obrigado aos mestres que encontrei no Instituto de Letras UFRGS, e que participaram direta ou indiretamente da minha formação, pelo conhecimento compartilhado.

Agradeço à minha orientadora, Jane Tutikian, pelo estímulo, conhecimento e o carinho que me foi dedicado nessa jornada em que estivemos juntos.

À minha família, em especial aos meus pais, que possam se orgulhar de mim. Que sirva de exemplo a Paola e Leonardo, para que vocês busquem e sigam sempre o caminho do conhecimento. Para a minha irmã Renata que, não importa o momento, tem sempre um sorriso doce e reconfortante a me oferecer.

Para os amigos de infância, por compartilharem comigo a época mais encantadora de suas vidas.

A todos os amigos que fiz durante minha caminhada acadêmica, com certeza vocês tornaram essa jornada muito prazerosa.

Para o casal empada Juliana e Lucas, obrigado por essa grande amizade e carinho que vocês têm para comigo.

Para o meu grande amigo, revisor e contista favorito Nicolás Poloni, saiba que és uma grande inspiração.

Para a mais linda professora de francês que eu já tive Muriel Assmann, obrigado pelos momentos especiais que tu proporcionaste na minha vida.

Para o meu “véinho” Seu Nestor, que onde quer que esteja vai poder se orgulhar do “seu piá”.

É um agradecimento todo especial para minha tia Maria Helena, ou simplesmente Tita, que aguentou as madrugadas viradas com as luzes acesas, que solucionou todos os problemas de acomodação dos meus livros, que sempre me esperava em casa, com a janta quentinha, que enchia o meu cofrinho de moedas para que eu pagasse o RU e os milhões de cópias.

A todos vocês, de coração, deixo o meu muito obrigado!

*O essencial da arte é exprimir;  
o que se exprime, não interessa.*

Fernando Pessoa

## RESUMO

Álvaro de Campos é um importante heterônimo de Fernando Pessoa, que apresenta uma característica diferente em sua poesia: seus versos parecem narrativas. Outro aspecto interessante que se sobressai em sua poesia é a maneira como Campos retrata o espaço em seus versos. O enfoque deste trabalho consiste em observar o significado do espaço nas seguintes poesias de Álvaro de Campos: “Ode marítima”, “Notas em Tavira” e “Tabacaria”. Nesses poemas, analisamos como o poeta trata tanto do espaço marítimo quanto do espaço urbano. Para essa análise, baseamo-nos no livro de Gaston Bachelard, *A poética do espaço* (1989).

Assim, encontramos em sua produção poética um espaço que não funciona apenas como um pano de fundo para o desenrolar da ação, mas como a temática central do poema.

**Palavras-chave:** Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Espaço marítimo. Espaço urbano.

## RÉSUMÉ

Álvaro de Campos est un hétéronyme important de Fernando Pessoa et il présente une caractéristique différente dans sa poésie : ses vers paraissent des narratives. Un autre aspect intéressant qui ressort de sa poésie est la façon dont Campos travaille l'espace dans ses vers. Le centre de ce travail est d'observer la signification de l'espace dans les suivantes poésies de Álvaro de Campos : « Ode Marítima », « Notas em Tavira » et « Tabacaria ». Nous analysons, dans ces poèmes, comment le poète traite tant l'espace maritime quant l'espace urbain. Pour cette analyse, nous avons comme base le livre « *A poética do espaço* », de Gaston Bachelard.

Nous rencontrons donc dans sa production poétique un espace qui ne fonctionne pas seulement comme une toile de fond pour le déroulement de l'action, mais comme la thématique principale du poème.

**Mots-clés :** Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Espace maritime. Espace urbain.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 PESSOA, CAMPOS E O ESPAÇO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 ESPAÇO MARÍTIMO.....</b>	<b>15</b>
2.1 MAR PORTUGUÊS .....	15
<b>3 ESPAÇO URBANO.....</b>	<b>21</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS DE APOIO .....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu a partir de um projeto de maior abrangência intitulado “**Os Orphistas e os Possíveis Diálogos: da Filosofia às Artes**”. Trata-se de um projeto de pesquisa, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenação da Profa. Dra. Jane Tutikian, que tenciona resgatar o grupo pessoano, criador e executor de estéticas de vanguarda europeias e lusas, mais especificamente, e os diálogos estabelecidos entre seus componentes com a Filosofia e com as Artes (pintura, música, teatro). Para tanto, o projeto discute o paralelismo entre a literatura produzida pelos orphistas, a Filosofia e as Artes que constituem o *corpus*, entrecruzando diferentes saberes através da interdisciplinaridade perspectivada sob o código da intertextualidade.

Para o presente trabalho escolhemos tratar de alguns poemas da obra de Álvaro de Campos, heterônimo do poeta português Fernando Pessoa. Trataremos especialmente do espaço presente nas obras desse autor, que publicou alguns de seus poemas na *Revista Orpheu*<sup>1</sup>, em 1915.

Toda a aventura modernista portuguesa tem início na ideia de Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa, que juntos, criaram a revista que serviu como “uma plataforma de encontro entre o passado e o futuro e que acumularia, dentro de si todas as artes do mundo” (BRÉCHON, 1998, p 495). A partir dessa aventura, nasceu, em Lisboa, no ano de 1915, a *Revista Orpheu*.

O grupo do Orpheu é, por excelência, um grupo poético, e tenta mostrar, através de seu trabalho, que a poesia não está presente somente na disposição das palavras na página, mas num modo diferente de perceber mundo. E o que o grupo pretendia com essa atitude? É o próprio Pessoa quem nos relata qual era o principal objetivo, não só da revista, mas do grupo Orpheu:

Criar uma arte cosmopolita no tempo e no espaço. A nossa época é aquela em que todos os países, mais materialmente do que nunca, e pela primeira vez intelectualmente, existem todos dentro de cada um, em que a Ásia, a América, a África e a Oceânia são a Europa, e existem todos na Europa. Basta qualquer país europeu - mesmo aquele país de Alcântara - para ter ali toda a terra em comprimido. E se chamo a isto europeu, e não americano,

---

<sup>1</sup> “Opíário” e “Ode Triunfal” (Orpheu 1), “Ode Marítima” (Orpheu 2).

por exemplo, é que é a Europa e não a América, a *fons et origo* deste tipo civilizacional, a região civilizada que dá o tipo e a direção a todo o mundo. Por isso a verdadeira arte moderna tem de ser maximamente despersonalizada - acumular dentro de si todas as partes do mundo. Só assim será tipicamente moderna. Que a nossa arte seja uma onde a dolência e o misticismo asiático, o primitivismo africano, o cosmopolitismo das Américas, o exotismo ultra da Oceânia e o maquinismo decadente da Europa se fundam, se cruzem, se interseccionem. E, feita esta fusão espontaneamente, resultará uma arte-todas-as-artes, uma inspiração espontaneamente complexa... (PESSOA apud BRÉCHON, 1998, p. 495 - 496).

*Orpheu I* apresentou diversos poemas de escritores como Ronald de Carvalho, Almada Negreiros, entre outros. A revista tornou-se um escândalo entre a burguesia portuguesa, e seus colaboradores acabam apontados e reconhecidos pelas ruas de Lisboa como nos conta o próprio Pessoa: “[...] a revista foi um triunfo absoluto [...] somos assunto em toda a Lisboa, sem exagero lho digo. Somos apontados na rua, e toda a gente – mesmo extraliterária – fala no Orpheu” (PESSOA apud BRÉCHON, 1998, p. 499).

O primeiro número tinha alcançado o objetivo e a repercussão desejada (escandalizar a burguesia); era hora de um novo volume.

Em junho de 1915, começou a circular o segundo volume de *Orpheu* que, aproveitando a sua repercussão turbulenta, tivera o seu grau de carácter provocador e contrafactual acentuado.

O autor que nos despertou maior interesse, e sobre o qual versará este trabalho, foi Álvaro de Campos, o que teve uma contribuição poética importante para o grupo, publicando poemas nos dois volumes da revista. O objetivo principal desse trabalho é estudar e dar um maior destaque ao espaço relatado por Campos em suas poesias, visto que, o espaço não funciona apenas como um mero cenário para a ação, o espaço é a própria temática central da poesia.

No primeiro capítulo, explicamos a relação Pessoa / Campos, como se deu a criação e a produção dos textos do heterônimo; constará também uma breve perspectiva da linha teórica que orientará a nossa definição de espaço. Aqui, nos apoiamos na obra *A poética do Espaço*, de Gaston Bachelard, de 1989 (edição de 2005), para uma análise detalhada do espaço presente nos poemas de Álvaro de Campos.

No segundo capítulo, encontramos já uma marca de espaço, o espaço marítimo, retratado pela sua imensidão e fascínio que causa aos portugueses. Analisaremos este espaço

no poema “Ode Marítima”, onde o eu lírico dá as costas a cidade e exerce o seu devaneio à beira do cais, em frente ao mar.

Por fim, no terceiro capítulo, falamos sobre o espaço urbano retratado nas poesias de Álvaro de Campos, tanto o espaço fechado, representado pela sua casa, quanto o espaço aberto, representado pela sua cidade natal.

## 1 PESSOA, CAMPOS E O ESPAÇO

*Começo a conhecer-me.  
Não existo.  
Sou o intervalo entre o que desejo  
ser e os outros me fizeram*  
Álvaro de Campos

Escrever sobre Fernando Pessoa é escrever sobre o maior poeta da Língua Portuguesa do século XX e falar sobre um escritor que teve a capacidade de se reinventar o tempo todo.

Pessoa, detentor de uma produção artística vastíssima, conseguiu ser o que nenhum outro escritor conseguiu: ser vários poetas em um só. A partir dessa sua capacidade, ele criou uma série de novos poetas, a quem deu nome, história, descrição e, o mais importante, um estilo próprio de escrita. Dá-se, aí, a criação dos heterônimos.

Foi no dia de 08 de março de 1914, conhecido como o “Dia Triunfal”, que o poeta fingidor, Fernando Pessoa, tomado de uma rajada de inspiração e criatividade, deu corpo aos seus heterônimos.

[...] foi em 8 de março de 1914 – acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. [...] E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. [...] Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos. Arranquei de seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a *Ode Triunfal* de Álvaro de Campos. [...] Criei, então, uma *coterie* inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as infâncias, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências, de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. [...] Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas.” (PESSOA apud TUTIKIAN, 2008a, p. 13 - 14).

A partir desse dia, Fernando Pessoa cria os seus três heterônimos. Campos, o mais irreverente deles, é segundo especialistas como Leyla Perrone-Moisés, em *Aquém do eu, além do outro* (2001), o mais parecido com o Pessoa, que o define da seguinte maneira:

“[...] Álvaro de Campos (o mais historicamente histórico de mim) [...] Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de outubro de 1890. [...] Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade. [...] Álvaro de Campos é alto 1,75m de altura), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara raspada todos – [...] Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo [...] Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. [...] Como escrevo em nome de Campos? Quando sinto um súbito impulso para escrever não sei o quê. [...]” (PESSOA apud TUTIKIAN, 2008a, p. 15 - 16).

Entre os heterônimos, Campos foi o único a manifestar fases diferentes ao longo de sua obra. Ele vive três fases distintas: no começo, sua trajetória, fase conhecida como pré-Caeiro, é o “Álvaro em botão”, muito influenciado pelo Simbolismo e Decadentismo. Em sua segunda fase, Campos Eufórico (fase em que Álvaro conhece seu mestre Alberto Caeiro), o poeta deixa que aflore o engenheiro de dentro de si e mostra, em seus versos, a modernidade – nessa fase, Campos produz sobre forte influência de Walt Whitman, poeta americano conhecido pela elevação da condição do homem moderno, celebrando a natureza humana e a vida em geral em termos pouco convencionais, é também conhecido como o pai do verso livre, características também encontradas na obra de Campos. A terceira fase é a do “Desencanto”, a qual mostra um poeta disfórico, melancólico e tedioso com a modernidade, muito próximo ao próprio Pessoa.

Campos, como nos mostra Pessoa, quer “sentir tudo de todas as maneiras”, “quer ser toda a gente em toda a parte” (PESSOA apud TUTIKIAN, 2008b, p. 27), tornando-se, assim, o heterônimo da emoção pura, das sensações. Ele é a personificação da emoção que nem o próprio Pessoa ousa sentir, como ele mesmo afirma em sua carta a Adolfo Casais Monteiro: “Pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida” (PESSOA apud TUTIKIAN, 2008b, p. 23).

O que mais chama atenção na escrita de Álvaro de Campos é a forma como seus versos parecem com uma narrativa, descrevendo e dando uma grande importância ao espaço em sua produção. O espaço presente nas poesias de Álvaro de Campos funciona muito mais

do que um pano de fundo que enfeita a poesia. Ele serve, em muitos casos, como elemento principal e determinante do texto poético. Em alguns de seus poemas, Álvaro usa a casa como parte mesmo da construção da poesia, o que nos ajuda a compreender e interpretar o sentido de seu poema, uma vez que a casa, para Gaston Bachelard (2005), é o espaço da intimidade, o instrumento de análise para a alma humana.

Analisada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se torna a topografia do nosso ser íntimo [...] Nossa alma é uma morada. E, lembrando-nos das “casas”, dos “apostos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos. Já podemos ver que as imagens da casa caminham nos dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nelas (BACHELARD, 2005, p. 20).

A casa, ainda segundo o autor, é o local onde o devaneio é permitido, onde o sonho acontece. Sonho e devaneio esses que são fundamentais em toda a obra de Álvaro de Campos.

[...] qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. Só os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. Ao devaneio pertencem valores que marcam o homem em sua profundidade. [...] É exatamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós (BACHELARD, 2005, p. 26).

A casa é o lugar da segurança, lugar de reviver lembranças para se reconfortar. É através dessa imagem e desse espaço que Campos produz e retrata as suas produções; é de dentro da casa que o poeta vê o mundo a sua volta; e é a partir da casa que ele faz suas reflexões, as quais só são permitidas na calma e paz da casa, como se o mundo lá fora não pudesse invadir essa fortaleza do lar. Já em outros poemas, Campos cria “paredes imaginárias” e transforma a sua cidade em sua casa, trazendo as reflexões que faz sobre a modernidade para o lugar onde conhece, onde se sente seguro.

Porém, engana-se quem pensa que o único espaço registrado na obra de Álvaro de Campos seja o espaço “fechado” da casa. Outro tipo de espaço muito recorrente em suas poesias é o espaço “aberto”, mais especificamente, o mar. Para uma melhor interpretação

desse espaço, recorremos ao poeta e filósofo Rainer Rilke: “O mundo é grande, mas em nós ele é profundo como o mar” (1923, apud Bachelard, 2005, p. 189).

A partir dessa definição, começamos a pensar e interpretar melhor a ideia de Campos ao usar o mar como parte principal de algumas de suas poesias, como, por exemplo, na sua famosa “Ode Marítima”, na qual o poeta português faz uma exaltação ao mar: “Poderíamos dizer que a imensidão é uma categoria filosófica do devaneio” (BACHELARD, 2005, p. 189).

É através da metáfora do mar que Campos nos tira do “seguro” e nos leva à imensidão e à incerteza presentes nas profundas águas do mar. É com o mar que o poeta se permite mais, arrisca-se mais, entrega-se mais ao mundo.

Com base nessas definições, traçamos uma linha de pesquisa para interpretarmos e analisarmos alguns poemas pinçados da obra de Álvaro de Campos.

## 2 ESPAÇO MARÍTIMO

*O mundo é grande, mas em nós ele é profundo  
como o mar.*  
Rainer Rilke

Como mencionado no capítulo anterior, é recorrente, nas poesias de Álvaro de Campos, o espaço aberto, mais especificamente, o mar. Para fazer uma análise e algumas considerações sobre esse assunto na obra poética do autor, selecionamos o poema “Ode Marítima”, publicado em 1915, na revista *Orpheu 2*.

### 2.1 MAR PORTUGUÊS

Como sabemos, a literatura portuguesa está recheada de referências ao mar. Desde o princípio, o mar foi uma paisagem cotidiana, contaminando profundamente as tradições, a literatura e a arte portuguesa.

Portugal voltou toda a sua atenção e sua energia para as navegações, e conseguiu, assim, ser uma superpotência marítima, chegando às Índias e à América. Esse fato não poderia passar em branco na sua literatura, tanto que a literatura portuguesa trata o mar como um elemento importante e recorrente em toda a sua produção. Essa mistura de adoração e mistério que o mar proporciona aos portugueses foi traduzida em palavras por Fernando Pessoa nos seguintes versos: “Deus ao mar o perigo e o abismo deu,/ Mas nele é que espelhou o céu” (2008, p. 76), sintetizando o forte sentimento de medo e respeito que os portugueses possuem em relação ao mar.

Primeiramente, o mar era visto da terra pelos poetas, depois passou a ser encarado e desbravado pelos “poetas marinheiros”, que não se contentavam em admirar o seu misterioso mar apenas da costa, precisavam mais, necessitavam embarcar nas naus e desbravar o desconhecido. Esses relatos recheiam a história de Portugal e têm um espaço importante em sua história literária. Tais relatos ficaram conhecidos como Literatura de Viagem e

apresentam descrições detalhadas das epopeias portuguesas na descoberta do “novo mundo”. Destacam-se, nesse braço literário, artistas renomados como, por exemplo, Camões.

Camões foi um desses corajosos viajantes, e sua viagem às Índias serviu de inspiração para o seu célebre livro *Os Lusíadas*, que conta a saga do povo português em uma dessas navegações.

J. Cândido Martins afirma em *O Mar, as Descobertas e a Literatura Portuguesa* (1998):

Com a descoberta do caminho marítimo para a Índia, esta gente ousada unia o Atlântico e o Índico, o Ocidente e o Oriente, a Europa e a Ásia. Ultrapassando medos e perigos vários, o Homem desmistificava o Mar Tenebroso. Os portugueses elevavam-se assim à categoria de heróis lendários, dando um passo de gigante na Expansão ultramarina e abrindo novos mundos ao Mundo.

E foi essa “gente ousada” que relatou e louvou o mar em inúmeros outros poemas, versos e rimas. Rimas essas que nem sempre louvam as navegações – alguns poemas são relatos de como a nação portuguesa sofreu para realizar esse triunfo. Notamos, nos inspirados versos de Pessoa, toda a mágoa e a tristeza que essas navegações trouxeram ao povo: “Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal! / Por te cruzarmos, quantas mães choraram, / Quantos filhos em vão rezaram! / Quantas noivas ficaram por casar / Para que fosses nosso, ó Mar” (2008, p. 75).

Álvaro de Campos não poderia deixar de escrever sobre um tema tão importante para o povo português, e, para juntar-se a essa gama vastíssima de poetas que cultuavam o mar, também escreveu um poema todo voltado para as águas que banham a costa portuguesa. O poeta mostrou todo o seu talento e admiração ao mar em sua “Ode Marítima”, em uma verdadeira homenagem ao mar português.

#### ODE MARÍTIMA

*a Santa Rita Pintor*

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de verão,  
Olho prò lado da barra, olho prò Indefinido,  
Olho e contenta-me ver,  
Pequeno, negro e claro, um paquete entrando.

Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.  
 Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.  
 Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio,  
 Aqui, acolá, acorda a vida marítima,  
 Erguem-se velas, avançam rebocadores,  
 Surgem barcos pequenos de trás dos navios que estão no porto.  
 Há uma vaga brisa.  
 Mas a minh'alma está com o que vejo menos,  
 Com o pacote que entra,  
 Porque ele está com a Distância, com a Manhã,  
 Com o sentido marítimo desta Hora,  
 Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea,  
 Como um começar a enjoar, mas no espírito.  
 Olho de longe o pacote, com uma grande independência de alma,  
 E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente.  
 Os pacotes que entram de manhã na barra  
 Trazem aos meus olhos consigo  
 O mistério alegre e triste de quem chega e parte.  
 Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos  
 Doutro modo da mesma humanidade noutros portos.  
 Todo o atracar, todo o largar de navio,  
 É – sinto-o em mim como o meu sangue –  
 Inconscientemente simbólico, terrivelmente  
 Ameaçador de significações metafísicas  
 Que perturbam em mim quem eu fui...  
 Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!  
 E quando o navio larga do cais  
 E se repara de repente que se abriu um espaço  
 Entre o cais e o navio,  
 Vem-me, não sei porquê, uma angústia recente,  
 Uma névoa de sentimentos de tristeza  
 Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas  
 Como a primeira janela onde a madrugada bate,  
 E me envolve como uma recordação duma outra pessoa  
 Que fosse misteriosamente minha.  
 Ah, quem sabe, quem sabe,  
 Se não parti outrora, antes de mim,  
 Dum cais; se não deixei, navio ao sol  
 Oblíquo da madrugada,  
 Uma outra espécie de porto?  
 Quem sabe se não deixei, antes de a hora  
 Do mundo exterior como eu o vejo  
 Raiar-se para mim,  
 Um grande cais cheio de pouca gente,  
 Duma grande cidade meio-desperta,  
 Duma enorme cidade comercial, crescida, apoplética,  
 Tanto quanto isso pode ser fora do Espaço e do Tempo?  
 [...]

(CAMPOS, 2008, p. 61-62).

Maria do Carmo Batalha (1996) considera “Ode Marítima” um poema pertencente à segunda fase de produção do poeta, conhecida como a fase do “Campos Eufórico”. Podemos

considerar que Campos mescla, nesse poema, um ser que sente com um ser que pensa, mostrando essas sensações (sentindo), e, a partir delas, pensando (refletindo).

Essas reflexões mostram um poeta mais intimista, a ponto de, por algumas vezes, parecer um tanto depressivo, como podemos perceber no seguinte trecho:

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de verão,  
 Olho prò lado da barra, olho prò Indefinido,  
 Olho e contenta-me ver,  
 Pequeno, negro e claro, um pacote entrando.  
 Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.  
 Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.  
 Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio,  
 Aqui, acolá, acorda a vida marítima,  
 Erguem-se velas, avançam rebocadores,  
 Surgem barcos pequenos de trás dos navios que estão no porto.  
 (CAMPOS, 2008, p. 61).

“Ode Marítima”, logo no início, aponta-nos dois mundos: o mundo concreto e o mundo do devaneio. O mundo concreto é a realidade objetiva, ou seja, é o mundo no qual o eu lírico vive. O primeiro verso apresentado no poema já nos situa onde e como o eu lírico está: “Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de verão” (Ibid., p. 61). Através de elementos como o cais e a manhã de verão, podemos concluir que ele está em terra firme, desperto, com os pés no chão, fixo em sua realidade, sem sonhos, e que em sua volta só há vazio e solidão.

Já o mundo do devaneio é o mundo no qual o eu lírico permite-se fugir do mundo concreto, ou seja, é onde ele demonstra o seu descontentamento com o mundo real: “Olho prò lado da barra, olho prò Indefinido,”. (Ibid., p. 61). Virado de costas para a cidade, de frente para o mar, o eu lírico nega o passado conhecido, não dá importância à cidade que está atrás dele, volta-se ao mar, volta-se ao indefinido, vira-se para a imensidão, deseja o desconhecido que o mar tem a oferecer.

Segundo Bachelard, “Poderíamos dizer que a imensidão é uma categoria filosófica do devaneio” (2005, p. 189). Começa, aí, o segundo mundo, numa tentativa de fugir de tudo aquilo que conhece e de mergulhar na imensidão do mar desconhecido, de jogar-se no devaneio.

“Olho e contenta-me ver, Pequeno, negro e claro, um pacote entrando” (CAMPOS, 2008, p. 61). Nesse verso, evidenciamos que o que vem do mar agrada o eu lírico: o pacote (tipo de pequena embarcação de luxo a vapor que atingia grandes velocidades) assume aqui a

simbologia do moderno, do futuro adentrando; vem pequeno ao longe, vem tornando-se realidade. O poeta sensibiliza-se com o pacote, que está mais distante do que tudo a sua volta, o moderno, o futuro; o que vem do mar passa a ter mais importância ao eu lírico do que toda aquela cidade imensa atrás dele.

“Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo” (CAMPOS, 2008, p. 61). Percebemos, aqui, que a partir da entrada do moderno no poema (moderno representado pela figura do pacote), não ficaremos mais imunes a ele. O pacote deixa uma marca por onde passa, o que torna, para aqueles que o veem, algo bastante significativo, a ponto de não ser mais esquecido, tanto que o cais passa a viver em torno do pacote, como podemos ver nos próximos versos.

“Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio, / Aqui, acolá, acorda a vida marítima,” (Ibid., p. 61). O cais deserto começa a desaparecer, a vida começa a se transformar, começa a agitação após a chegada do moderno, o cais começa a despertar para receber a novidade.

Aqui, o passado começa a viver em função do futuro, o cais (representando tudo o que estava presente) dá extrema importância à chegada do pacote. Ao mesmo tempo em que a vida no cais desperta, o eu lírico continua focado no pacote, nada nem ninguém pode distraí-lo, isso porque ele já está “mais inserido” no mundo do devaneio do que no mundo concreto, como podemos ver nos seguintes versos: “Mas a minh’alma está com o que vejo menos, / Com o pacote que entra” (Ibid., p. 61).

“Os pacotes que entram de manhã na barra / Trazem aos meus olhos consigo / O mistério alegre e triste de quem chega e parte. / Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos” (Ibid., p. 61). Nessa estrofe, o eu lírico mostra que a modernidade (ainda representada pelo pacote) é desconhecida aos seus olhos, no entanto, ele fica alegre, excitado com as possibilidades que vão se abrir, com as novidades que vão se formar, uma vez que o pacote viaja por outros cais, conhece muitas gentes, tem em si uma bagagem de outros mundos, outros momentos.

Fica claro, porém, que o eu lírico não se engana com esse novo mundo que está surgindo na sua frente; ele sabe que assim como a modernidade chega rapidamente, ela se desfaz rapidamente, e que o que é novidade hoje, amanhã já não é mais. Isso pode ser observado neste verso: “O mistério alegre e triste de quem chega e parte” (Ibid., p. 61). A partida do pacote mostra a fugacidade que a modernidade traz consigo, assim como a efemeridade, uma vez que, a partir do momento em que deixa de ser moderno, perde o valor aos olhos do eu lírico.

“Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea, / Como um começar a enjoar, mas no espírito./ Olho de longe o pacote, com uma grande independência de alma, / E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente” (CAMPOS, 2008, p. 61).

Nesse ponto do poema, o eu lírico passa a “humanizar” o pacote e a nele enxergar-se como um objeto, mostrando que a modernidade e o eu lírico estão em sintonia.

É também nesse momento em que ele se volta para dentro de si e, através do enjoar que se dá na alma, percebemos a sua imensidão interior. E é dentro dessa imensidão interior, desse mar de inconsciente, que ele se torna um pacote (presença do volante pronto para navegar nesse mar de inconsciente).

Toda essa percepção se dá de uma maneira lenta e gradual, como se o próprio ser fosse um barco, como um enjoo de quem está a bordo. No entanto, esse enjoo não é verdadeiro, é o enjoo do espírito, é a sensação que se tem no mundo do devaneio.

Em “Ode Marítima”, é através do contraste entre os dois mundos presentes no poema que percebemos a real importância do espaço marítimo, uma vez que, como já fora dito por Rilke, e já citado neste trabalho: “O mundo é grande, mas em nós ele é profundo como o mar” (1923, apud Bachelard, 2005, p. 189).

Nesse sentido, já podemos afirmar que no poema escolhido como corpus deste trabalho, o mar está presente não só no mundo concreto, como também no mundo do devaneio, assim como está presente dentro do eu lírico, que apresenta todo o seu encantamento e a sua admiração diante da modernidade.

### 3 ESPAÇO URBANO

*Um sonhador de casas vê casa em toda a parte.*

Gaston Bachelard

Conforme tratamos no capítulo anterior, o espaço presente nas poesias de Álvaro de Campos não funciona apenas como um pano de fundo para seus textos, mas também como uma personagem ou mesmo como o tema central do poema. Neste novo capítulo, trataremos de alguns poemas de Álvaro de Campos pertencentes à sua terceira fase, conhecida como a fase do “desencanto”, em que nos é mostrado um poeta disfórico, melancólico e tedioso com a modernidade.

Como vimos em “Ode Marítima”, Campos vira-se de costas para a cidade e reflete a sua existência de frente para a imensidão do mar, local propício para o devaneio. O que percebemos nos poemas analisados neste capítulo é que Campos faz o movimento inverso, ou seja, volta toda sua atenção para a cidade. É interessante salientar, porém, que o poeta possui uma visão “míope” da cidade, uma vez que ele apropria-se somente de um pedaço do todo, ou seja, aproveita apenas o que lhe é conveniente.

Começamos a nossa análise, então, pelo poema “Notas em Tavira”, publicado em 8 de dezembro 1931. Importa salientar que Tavira é uma cidadezinha tipicamente portuguesa, localizada no sudoeste do país, local de nascimento de Álvaro de Campos.

#### NOTAS EM TAVIRA

Cheguei finalmente à vila da minha infância,  
 Desci do comboio, recordo-me, olhei, vi, comparei.  
 (Tudo isto levou o espaço de tempo de um olhar cansado).  
 Tudo é velho onde fui novo.  
 Desde já – outras lojas, e outras frontarias de pinturas nos mesmos prédios –  
 Um automóvel que nunca vi (não os havia antes)  
 Estagna amarelo escuro ante uma porta entreaberta,  
 Tudo é velho onde fui novo.  
 Sim, porque até o mais novo que eu é ser velho o resto.  
 A casa pintaram de novo é mais velha porque a pintaram de novo.

Paro diante da paisagem, e o que vejo sou eu.  
 Outrora aqui antevi-me esplendoroso aos 40 anos –  
 Senhor do mundo –

E aos 41 que desembarco do comboio involuntário.  
 O que conquistei? Nada.  
 Nada, aliás, tenho a valer conquistado.  
 Trago o meu tédio e a minha falência fisicamente no pesar-me mais a mala...  
 De repente avanço seguro, resolutamente.  
 Passou toda a minha hesitação.  
 Esta vila da minha infância é afinal uma cidade estrangeira.  
 (Estou à vontade, como sempre, perante o estranho, que me não é nada).  
 Sou forasteiro, *tourist*, transeunte.  
 Até em mim, meu Deus, até em mim.  
 (CAMPOS, 2008, 232 - 233).

O poema conta o regresso de um homem, já com 41 anos, ao seu vilarejo de origem, onde ele passou a infância. Como podemos perceber, a visão “míope” apodera-se apenas do que lhe é interessante para manter o seu ponto de vista.

No primeiro verso do poema: “Cheguei finalmente à vila de minha infância” (Ibid., p. 232), o eu lírico nos mostra, através do uso da palavra *finalmente*, que essa visita era esperada/desejada há muito tempo, pois representa o seu regresso à terra da infância, o seu retorno a tudo aquilo que lhe era idealizado, que lhe era familiar.

Ao contrário do que possa parecer, a idealização na fase infantil é de extrema importância na formação do carácter e personalidade do adulto, como podemos ver na seguinte citação, do psiquiatra Eurico Figueiredo:

A idealização é muito importante na infância do ser humano, é nessa fase que sonhamos com mais frequência em quais serão nossas profissões, em como serão nossos amores, em até como será a nossa casa na fase adulta. A idealização é tratada por muitos especialistas como uma fase essencial no desenvolvimento saudável de qualquer criança. É com as idealizações que o indivíduo estimula a criatividade tão importante na fase adulta (FIGUEIREDO, 1985).

Na sequência do poema, o eu lírico nos aponta outro aspecto importante com a sentença: “Desci do comboio, recordo-me, olhei, vi, comparei” (CAMPOS, 2008, p. 232). Aqui, o fato de ele ter descido do comboio leva-nos à ideia de que, no comboio, somos mais um na multidão, somos a parte de um todo, sem nenhum tipo de destaque. Assim, com esse ato, ele acaba por ganhar um destaque especial na multidão, deixa de ser parte desse comboio

para escrever a sua história, que é única e só dele, e acaba por se diferenciar e ganhar destaque.

Outro ponto que merece destaque especial nesse verso é a presença dos verbos *recordar* e *comparar*. O eu lírico, no momento em que ganha destaque da multidão, recorda do seu passado e, instintivamente, compara-o com a imagem que vê a sua volta. E tudo isso ocorre rapidamente, durando “o espaço de tempo de um olhar cansado” (CAMPOS, 2008, p. 232).

Depois dessa comparação, temos a primeira conclusão à qual o eu lírico chega: “Tudo é velho onde fui novo” (Ibid., p. 232).

Existe aqui, também, a primeira marca de melancolia: além da cidade, das casas, o eu lírico também está velho onde foi novo, e ele começa aqui, mesmo que não explicitamente, a se dar conta de que não foi só o espaço físico que envelheceu. Isso é expressado em: “desde já – outras lojas, e outras frontarias de pinturas nos mesmos prédios –” (Ibid., p. 232), em que as lojas mudam, as pinturas mudam, mas os prédios continuam os mesmos, ou seja, a essência continua antiga, continua velha.

Notamos, aqui, a desilusão do poeta com a modernidade: podemos mudar as fachadas, podemos mascarar o antigo com uma nova pintura, porém, saberemos que, na verdade, o novo não vive sem o antigo, o novo torna-se também antigo.

Ainda seguindo essa ideia, outro ponto interessante é que até mesmo aquilo que não existia antes apresenta aspecto envelhecido, como podemos notar nos próximos versos: “Um automóvel que nunca vi (não os havia antes) / Estagna amarelo escuro ante uma porta entreaberta” (Ibid., p. 232).

Percebemos, aqui, a presença de um automóvel, até então desconhecido na província de Tavira da infância, que, mesmo sendo um símbolo do moderno, tem a cor amarelo escuro, que é como ficam as páginas brancas dos livros quando envelhecem.

É interessante observar também que o automóvel, que serve para locomoção e é um símbolo de movimento, está parado, estagnado em frente a uma porta entreaberta, ou seja, o símbolo do movimento, está parado, está decadente, mais uma marca do descontentamento com a modernidade, de como ela pode ser inútil e desinteressante. Essa interpretação é reforçada no próximo verso, em que o eu lírico afirma que “até o mais novo que eu é ser velho o resto” (Ibid., p. 232).

O próximo trecho mostra a relação do Álvaro de Campos com a casa, o que se repetirá em outros poemas do autor, e, por isso, daremos a este trecho uma atenção um pouco maior: “A casa que pintaram de novo é mais velha porque a pintaram de novo” (Ibid., p. 232).

Para entendermos um pouco melhor a relação de Campos com a casa, citamos Bachelard:

(...) Quanto mais simples é a casa gravada, mais ela trabalha a minha imaginação de habitante. Ela não é apenas uma “representação”. Suas linhas são fortes. O abrigo é fortificante. Quer ser habitado simplesmente, com a grande segurança que a simplicidade proporciona. A casa gravada em mim revela o *sentido de cabana*, revivo nela a *força de olhar* (...) (BACHELARD 2005, p. 66).

O que Bachelard nos apresenta nessa citação é que a casa, e podemos dizer o espaço de modo geral, molda-se conforme a visão do eu lírico, e é por essa razão que a casa que pintaram de novo é mais velha, uma vez que o eu lírico lembra a casa mais simples, a casa antiga, a que está mais viva, mais presente em sua memória.

A partir da próxima estrofe começa a confissão do eu lírico de uma forma mais explícita. O verso “Paro diante da paisagem, e o que vejo sou eu” (CAMPOS, 2008, p. 232) passa a explicar o porquê de tudo ser velho: o eu lírico se compara com a paisagem, que é diferente daquela idealizada, daquela paisagem lembrada na infância.

Existe aqui um choque de realidade, pois o eu lírico começa a mostrar que o que ele vê não é a paisagem, mas sim, ele próprio, que é diferente do homem que sonhou que seria quando saísse daquela terra: “outrora aqui antevi-me esplendoroso aos 40 anos - / Senhor do mundo –” (Idem., p. 232-233).

Por vezes, a casa do futuro é mais sólida, mais clara, mais vasta que todas as casas do passado. No oposto da casa natal trabalha a imagem da *casa sonhada*. (...) Essa casa sonhada pode ser um simples sonho de proprietário, um concentrado de tudo o que é considerado cômodo, saudável, sólido ou mesmo desejável para os outros. (...) Se esses sonhos devem se realizar, saem do âmbito do nosso estudo (BACHELARD, 2005, p. 74).

Podemos, aqui, dizer que a casa do futuro do eu lírico seria o mundo, onde ele teria comodidade e onde se sentiria poderoso, dono de si e da situação, como ele mesmo diz: “Senhor do mundo” (CAMPOS, 2008, p. 233).

Essa casa sonhada termina por não se concretizar, o que torna mais uma vez o tom do discurso melancólico, como podemos observar na passagem a seguir: “E aos 41 que desembarco do comboio involuntário, / O que conquistei? Nada” (CAMPOS, 2008, p. 233).

Percebemos, aqui, a decepção com que o eu lírico se depara, depois de sonhar que, aos 40 anos, a sua casa seria o mundo, que ele seria o dono de tudo, e ver que ele não conquista nada, que é mais um em um comboio em que não recebe nenhum tipo de destaque, ou seja, é apenas mais um na multidão.

O verso que segue apresenta a reviravolta no poema, sendo a retomada da esperança, a volta do sonho e do devaneio na vida do eu lírico, como se ele tivesse perdido o medo, apresentando a aquisição da segurança outrora perdida: “De repente avanço seguro, resolutamente. / Passou toda minha hesitação. / Essa vila da minha infância é afinal uma cidade estrangeira” (Ibid., p. 233). Pela visão do eu lírico, a sua vila da infância não é mais uma terra conhecida sua, ela é uma terra estrangeira, uma terra desconhecida: “(Estou à vontade, como sempre, perante o estranho, o que me não é nada)”.

O fato de a visão míope “desconhecer” a vila onde cresceu faz com que ele sinta-se à vontade novamente. Ele passa a ser um forasteiro, um turista naquela terra, não se identificando mais com aquilo que não reconhece, sendo mais confortável manter-se na idealização da infância, na vila com que ele imaginava-se diferente quando fosse velho. Porém no último verso, o eu lírico “confessa” que está enganando-se: “Até em mim, meu Deus, até em mim” (Ibid., p. 233). Nessa passagem, ele percebe que é um forasteiro, um “*tourist*”, um transeunte não só na sua vila da infância, mas também em sua vida, na essência do seu ser.

Dando prosseguimento à análise da presença do espaço urbano nos poemas de Álvaro de Campos, tratamos agora do seu célebre poema intitulado “Tabacaria”, que foi publicado na revista *Presença*, número 39, em julho de 1933. Como Leyla Perrone-Moisés, em *Aquém do eu, além do outro* (2001), nos diz, é o poema que melhor exprime a última fase de Campos, a da melancolia, da amargura, do pessimismo.

Desiludido dos esforços das fases anteriores, “Sensacionista” e “Futurista”<sup>2</sup>, Campos deixa-se cair num pessimismo intenso, marcado com um forte regresso às memórias da sua infância e à consciência de que ficou (e está) sozinho no mundo.

---

<sup>2</sup> Sensacionismo é o movimento literário criado por Fernando Pessoa, que sustenta que a realidade não existe, apenas existem sensações. Pessoa explicou que “todo objeto é uma sensação”, ou seja, é a maneira única, singular com que cada indivíduo percebe uma determinada coisa do mundo. Já o futurismo é um movimento artístico criado por Filippo Marinetti. Suas obras exaltavam a velocidade e os desenvolvimentos tecnológicos do início do séc. XX.

## TABACARIA

Não sou nada.  
 Nunca serei nada.  
 Não posso querer ser nada.  
 À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,  
 Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é  
 (E se soubessem quem é, o que saberiam?),  
 Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,  
 Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,  
 Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,  
 Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,  
 Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,  
 Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.  
 Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,  
 E não tivesse mais irmandade com as coisas  
 Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua  
 A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada  
 De dentro da minha cabeça,  
 E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.  
 Estou hoje dividido entre a lealdade que devo  
 À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,  
 E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.  
 Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.  
 A aprendizagem que me deram,  
 Desci dela pela janela das traseiras da casa.  
 Fui até ao campo com grandes propósitos,  
 Mas lá encontrei só ervas e árvores,  
 E quando havia gente era igual à outra.  
 Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?  
 Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!  
 E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!  
 Génio? Neste momento  
 Cem mil cérebros se concebem em sonho génios como eu,  
 E a história não marcará, quem sabe?, nem um,  
 Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.  
 Não, não creio em mim.  
 Em todos os manicómios há doidos malucos com tantas certezas!  
 Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?  
 Não, nem em mim...  
 Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo  
 Não estão nesta hora génios-para-si-mesmos sonhando?

Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas —  
 Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas —,  
 E quem sabe se realizáveis,  
 Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?  
 O mundo é para quem nasce para o conquistar  
 E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão.  
 Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.  
 Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo.  
 Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.  
 Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,  
 Ainda que não more nela;  
 Serei sempre o que não nasceu para isso;  
 Serei sempre só o que tinha qualidades;  
 Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede  
 sem

porta,

E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,  
 E ouviu a voz de Deus num poço tapado.  
 Crer em mim? Não, nem em nada.  
 Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente  
 O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,  
 E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.  
 Escravos cardíacos das estrelas,  
 Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da cama;  
 Mas acordámos e ele é opaco,  
 Levantámo-nos e ele é alheio,  
 Saímos de casa e ele é a terra inteira,  
 Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;  
 Come chocolates!  
 Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.  
 Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.  
 Come, pequena suja, come!  
 Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!  
 Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,  
 Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei  
 A caligrafia rápida destes versos,  
 Pórtico partido para o Impossível.  
 Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,  
 Nobre ao menos no gesto largo com que atiro  
 A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas,  
 E fico em casa sem camisa.

(Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas,  
 Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,  
 Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,  
 Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,  
 Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,  
 Ou cocotte célebre do tempo dos nossos pais,  
 Ou não sei quê moderno — não concebo bem o quê —,  
 Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!  
 Meu coração é um balde despejado.

Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco  
 A mim mesmo e não encontro nada.  
 Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.  
 Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,  
 Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,  
 Vejo os cães que também existem,  
 E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,  
 E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei, e até cri,  
 E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.  
 Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,  
 E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem cresses  
 (Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso);  
 Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo  
 E que é rabo para alguém do lagarto remexidamente.

Fiz de mim o que não soube,  
 E o que podia fazer de mim não o fiz.  
 O dominó que vesti era errado.  
 Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.  
 Quando quis tirar a máscara,  
 Estava pegada à cara.  
 Quando a tirei e me vi ao espelho,  
 Já tinha envelhecido.  
 Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.  
 Deitei fora a máscara e dormi no vestiário  
 Como um cão tolerado pela gerência  
 Por ser inofensivo  
 E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,  
 Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,  
 E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,  
 Calcando aos pés a consciência de estar existindo,  
 Como um tapete em que um bêbado tropeça  
 Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.  
 Olho-o com desconforto da cabeça mal voltada  
 E com o desconforto da alma mal-entendendo.  
 Ele morrerá e eu morrerei.  
 Ele deixará a tabuleta, eu deixarei versos.  
 A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.  
 Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,  
 E a língua em que foram escritos os versos.  
 Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.  
 Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente  
 Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como  
 tabuletas,  
 Sempre uma coisa defronte da outra,  
 Sempre uma coisa tão inútil como a outra,  
 Sempre o impossível tão estúpido como o real,  
 Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,  
 Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),  
 E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.  
 Semiergo-me enérgico, convencido, humano,  
 E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los  
 E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.  
 Sigo o fumo como a uma rota própria,  
 E gozo, num momento sensitivo e competente,  
 A libertação de todas as especulações  
 E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira  
 E continuo fumando.  
 Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira  
 Talvez fosse feliz.)  
 Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).  
 Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.  
 (O Dono da Tabacaria chegou à porta.)  
 Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.  
 Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo  
 Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.  
 (CAMPOS, 2008, p. 160 - 166).

O poema oscila entre a solidão interior e a vastidão do Universo exterior, e são tratados acontecimentos banais, como a ida de um homem à tabacaria para comprar tabaco, ação que, por muitas vezes, seria considerada insignificante. Trazemos, mais uma vez, Bachelard para mostrar a beleza de escrever sobre esses momentos "insignificantes":

Mas que alegria de leitura quando se reconhece a importância das coisas insignificantes! Quando se completa por meio de devaneios pessoais a lembrança "insignificante" que o escritor nos confia! O insignificante torna-se então o signo de uma sensibilidade extrema para significações íntimas que estabelecem uma comunhão entre a alma do escritor e a do leitor (BACHELARD, 2005, p. 84).

É em um desses momentos "insignificantes" retratados por Álvaro de Campos que percebemos toda a sua sensibilidade. "Tabacaria", já no início, mostra a "insignificância" do

eu lírico: “Não sou nada. / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada” (CAMPOS, 2008, p. 160). O eu lírico traz uma definição da sua presença no mundo: esse “nada” é apenas assumir a sua nulidade exteriormente, porém, dentro de si, existe um universo todo pronto para ser descoberto, como vemos no seguinte verso: “À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo” (CAMPOS, 2008, p. 160). Esses sonhos querem ser contados, querem ser exprimidos para o exterior do eu lírico.

No verso seguinte, tomamos ciência de onde o eu lírico está: “Janelas do meu quarto, / Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é”, (Ibid., p. 160) e podemos ler esse espaço, conforme Bachelard (2005, p. 55): “(...) há sentido em dizer que se “lê uma casa”, que se “lê um quarto”, já que quarto e casa são diagramas da psicologia que guiam os escritores e os poetas na análise da intimidade”. Podemos dizer que a metáfora do quarto é também a metáfora da sua condição como ser humano. Ele é uma mente presa num quarto e observa a realidade do dia-a-dia passar por sua janela.

“Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente, / Para uma rua inacessível a todos os pensamentos” (CAMPOS, 2008, p. 160). Nesses versos, temos o conflito: rua real (cheia de gente) *versus* rua inacessível (rua dos pensamentos). É o constante conflito que o eu lírico tem nos seus próprios pensamentos, é um conflito entre o real (Tabacaria) e o irreal (quarto/pensamentos).

Todo esse conflito tem um ponto onde os dois mundos se unem, que é a janela do quarto. Esse mesmo ponto de união entre os dois mundos é o que os diferencia e separa. É importante notar que o poeta faz uso de uma janela para conexão entre esses dois mundos, e perguntamo-nos: por que uma janela e não uma porta? Uma possível resposta é que a janela dá visão, proporciona uma interação limitada como o outro lado, permitindo apenas uma observação por ambos os lados, enquanto a porta funciona como uma ligação direta, onde um mundo pode invadir o outro, pode fazer parte do outro. Não existe nunca uma passagem completa entre um mundo e outro.

Nos versos: “Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da cama; / Mas acordámos e ele é opaco, / Levantámo-nos e ele é alheio, / Saímos de casa e ele é a terra inteira, / Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido” (Ibid., p. 162), a desilusão com o mundo vai ficando cada vez maior. O mundo sonhado é muito mais colorido, muito mais humano com o eu lírico do que o mundo real, onde as coisas são mais opacas, onde o mundo lhe é alheio, indiferente.

Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. / Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria. / Come, pequena suja, come! / Pudesse eu comer

chocolates com a mesma verdade com que comes! / Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho, / Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.) (CAMPOS, 2008, p. 162-163).

Começa aqui uma reflexão sobre a própria vida do eu lírico e sobre as suas escolhas. Os versos refletem sobre o que ainda lhe resta para que possa ser feliz, e as conclusões a que ele tem chegado não são nada animadoras, como podemos confirmar nos próximos versos:

Vivi, estudei, amei e até cri, / E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu. / Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira, / E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem cresses / (Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso); (Ibid., p. 164).

O eu lírico passa a admirar e a venerar a ignorância. Para ele, saber, pensar, e questionar são um lamento só, pois muitas vezes todas essas questões da metafísica ficam sem resposta.

“Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta./ Olho-o com desconforto da cabeça mal voltada / E com o desconforto da alma mal-entendendo. / Ele morrerá e eu morrerei” (Ibid., p. 165). Aqui, temos a aparição do dono da Tabacaria, e o eu lírico então passa a dar um sentido aos seus dois mundos, passa a mostrar que ambas as coisas, que ambos os mundos são efêmeros, que ambos acabarão e estão ligados um ao outro, como podemos ver nos versos a seguir: “Sempre uma coisa defronte da outra, / Sempre uma coisa tão inútil como a outra, / Sempre o impossível tão estúpido como o real” (Ibid., p. 165). Os mundos tão dependentes um do outro e tão sem chance de desvinculação que o eu lírico passa a achá-los inúteis.

“Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?), / E a realidade plausível cai de repente em cima de mim. / Semiergo-me enérgico, convencido, humano,/ E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário” (Ibid., p. 165). Aqui temos o regresso do eu lírico, antes mergulhado em seus sonhos e pensamentos, para a realidade. É uma volta devagar à superfície do seu sonho, uma vez que, nos próximos versos, notamos que ele ainda continua em meio aos seus devaneios e à realidade que passa na rua e lhe é apresentada pela janela do quarto.

A última estrofe é cheia de significações. Com a volta do eu lírico à janela (“Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.”) (Ibid., p. 166) podemos concluir que ele volta a

observar a realidade de uma maneira mais próxima, justamente por ele estar mais próximo da janela.

“O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?). / Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica” (CAMPOS, 2008, p. 166). Aqui, observamos que o Esteves sem metafísica é um homem normal, um homem sem as provações, sem as inquietações que a metafísica trás ao eu lírico, podemos até dizer que o Esteves é a presença da dádiva da ignorância, valorizada pelo eu lírico em outro verso do poema.

“(O Dono da Tabacaria chegou à porta.) / Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me. / Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo / Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu” (Ibid., p. 166). Essa é a primeira e única vez que a realidade nota a presença do eu lírico em seu quarto, e, após esse fato, existe uma interação entre realidade e o eu lírico. A realidade puxa o eu lírico para dentro dela e, a partir desse acontecimento, o Universo se refaz para o eu lírico, sem metafísicas, sem nenhum pensar, só a materialização dos sentidos e não a idolatria e a idealização dos pensamentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todos os heterônimos criados por Fernando Pessoa, o engenheiro naval Álvaro de Campos, ao mesmo tempo em que fascina, causa um estranhamento no leitor, uma vez que sua obra poética provoca inúmeras sensações e reflexões sobre o mundo e sua complexidade. A maior parte de seus poemas é oriunda da falta, da ausência de razão na existência, e são essas as sensações explicitadas por eles. O eu lírico insere-se inquieto em diferentes espaços na tentativa de preenchimento dessa ausência. Essa busca eterna pelo seu eu perdido, pela tentativa infeliz de se reconciliar consigo mesmo e com o outro, buscando sempre alcançar a própria identidade e um sentido para sua própria existência.

Podemos dizer que Álvaro de Campos se via como sendo um falso engenheiro, sem pátria, andarilho e pobre. Campos foi, para nós, seus leitores, um poeta que soube descrever os detalhes das máquinas como só um engenheiro de verdade saberia fazê-lo, foi um engenheiro que teve a delicadeza de colocar beleza e alma nas máquinas, paisagens e espaços. Foi um andarilho que viveu em toda a parte, visitou todos os espaços que descreveu em seus versos, perdeu-se histericamente dentro de seus pensamentos, mergulhou profundamente no mar de si mesmo.

É através do espaço presente em seus poemas que o eu lírico conduz o leitor para uma imersão dentro de sua mente. Ao retratar o espaço marítimo, Campos trata o mar como uma espécie de convite ao devaneio, um mergulho no mar, como se fosse um mergulho no mais profundo de sua alma. O eu lírico utiliza-se dessa alegoria, mostrando que a alma é tão profunda, misteriosa e perigosa quanto o mar. Já quando o eu lírico retrata o espaço urbano, notamos uma trajetória que vai da euforia com o mundo moderno, do avanço e crescimento da cidade, chegando, por fim, em sua fase de desencanto com a modernidade, onde o eu lírico acha que o melhor a fazer é mergulhar em seu próprio mundo, isolar-se do exterior (buscando abrigo no isolamento de sua casa, de seu quarto) num contínuo estado de melancolia.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BATALHA, Maria do Carmo de Siqueira. *Construção da “Ode Marítima” ou unidade e multiplicidade em Álvaro de Campos*. Bauru: EDUSC, 1996.

BRÉCHON, Robert. *Fernando Pessoa Estranho Estrangeiro: uma biografia*. Tradução de Maria Abreu e Pedro Tamen. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CAMPOS, Álvaro de. *Poemas de Álvaro de Campos*. Organização de Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FIGUEIREDO, Eurico. Mudança, valores e conflito de gerações em Portugal. *Análise Social*, v. XXI, n. 87-88-89, 1985. p. 1005-1020.

MARTINS, José Cândido de Oliveira. O Mar, as Descobertas e a Literatura Portuguesa. *Letras e Letras*, 1998. Disponível em: <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/candid02.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

PEDROSA, Célia. *Subjetividades em devir*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESSOA, Fernando. Mensagem: obra poética I. Organização, introdução e notas Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2008.

REVISTA ORPHEU. n. 2. Lisboa, 1915. 128 p.

TUTIKIAN, Jane Fraga. Apresentação. In: PESSOA, Fernando. *Mensagem: obra poética I*. Organização, introdução e notas Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2008a.

TUTIKIAN, Jane Fraga. Apresentação. In: CAMPOS, Álvaro de. *Poemas de Álvaro de Campos*. Organização de Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2008b.

## REFERÊNCIAS DE APOIO

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

PESSOA, Fernando. A arte moderna é arte de sonho. In: PESSOA, Fernando. *Páginas de Estética, Teoria e Crítica Literária*. Lisboa: Ática, 1973. p. 153-157.

LOPES, Teresa Rita (Ed.). *Álvaro de Campos: Livro de Versos* (edição crítica). Lisboa: Estampa, 1993.

LOPES, Teresa Rita. *Vida e obra do engenheiro* (Álvaro de Campos). 2 ed. Lisboa: Estampa, 1992.